



O LIVRO
MAIS
AGUARDADO
SOBRE OS
MEANDROS
DO FUTEBOL
PORTUGUÊS

**VOCÊS
SABEM DO QUE
ESTOU A FALAR**
Octávio Machado

*Futebol, corrupção e jogos de poder
reunidos num testemunho impressionante*



Ficha Técnica

VOCÊS SABEM DO QUE ESTOU A FALAR
Autor: Octávio Machado

LIVROS D'HOJE
Publicações Dom Quixote
[Uma editora do Grupo LeYa]
Rua Cidade de Córdoba, n.º 2
2610-038 Alfragide • Portugal

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor
© 2006, Octávio Machado e Publicações Dom Quixote

Capa: Ideias com Peso
Revisão: João Vidigal
ISBN: 9789722042901
www.livrosdhoje.leya.com

BIOGRAFIA

Octávio Machado foi figura destacada do futebol português. No Palmelense ou no Vitória de Setúbal, na Selecção Nacional ou no FC Porto, onde foi campeão nacional, Octávio Machado deu nas vistas e foi um dos mais criativos e dinâmicos médios nacionais. Jogador inteligente e habilidoso, dominando o esférico como poucos e com grande facilidade no *dribling*, Octávio pertencia à estirpe dos centro-campistas irrequietos e com uma percepção rara no aproveitamento dos espaços livres. Tacticamente muito evoluído, com grande visão de jogo, magnífico na concepção e estruturação de jogadas de golo, conduzia a bola do meio-campo até perto dos dianteiros, furando as defesas contrárias, desarmando, fintando, rodopiando sem cessar, cruzando, fazendo tabelinhas, distribuindo jogo, servindo ora à esquerda ora à direita. Um espectáculo de movimentação, de agilidade e de versatilidade. Dos seus pés raramente saía uma bola não jogável. Um perigo! Octávio jogava e fazia jogar, era um lutador de raça, voluntarioso e indómito. Logo desde o primeiro instante de jogo, Octávio arrancava a cem à hora, numa velocidade estonteante, assim durante 90 minutos, sem nunca perder o domínio técnico, brincando com a bola como se estivesse no recreio na escola. Um dos grandes motores das equipas, um operário, um mouro de trabalho, daqueles que vão a todas, que correm o campo do princípio ao fim, aqui, ali, além, em todo o lado, sempre em jogo. «Octaviamente!» Pequeno de estatura, Octávio não se assustava com o poder físico dos adversários de porte atlético superior nem tinha medo de ir

às jogadas de choque, «se é preciso saltar, eu salto; se é preciso meter o corpo à bola com dois ou três adversários à ilharga, também não hesito». Pela pujança física, a abnegação, o apego, a total entrega, a garra impressionante, o espírito batalhador, Octávio empolgava, era o rastilho do entusiasmo das suas equipas. Por tudo isso, Octávio Machado foi um jogador estimado e admirado pelos amantes do futebol, a crítica especializada fez-lhe as mais variadas referências elogiosas e, não raro, foi creditado como o melhor jogador das suas equipas, a imprensa chegou mesmo a considerá-lo o melhor futebolista a actuar no campeonato nacional. É com toda a justiça, portanto, que Octávio Machado está entre os *100 melhores do futebol português* (Lisboa, *Record*, 2002).

CAPÍTULO UM

INFÂNCIA E PALMELENSE FUTEBOL CLUBE (1967/1967-68)

Nasci no dia 6 de Maio de 1949 em Palmela, então uma pequena vila nos arredores de Setúbal. Nesse ano, o Sporting sagrar-se-ia campeão nacional da I Divisão com uma equipa de que faziam parte, entre outros, Travaços, Jesus Correia, Canário, Peyroteo, Vasques e Albano. Para trás tinham ficado o Benfica (a cinco pontos), o Belenenses (a sete) e o Porto (a nove). Uma vitória que acabaria por fazer esquecer o desaire na Taça de Portugal, então conquistada pelos encarnados: o clube de Alvalade havia sido eliminado, logo na primeira eliminatória, por um *tomba gigantes*, o modesto Tirsense. Nas competições europeias, em Madrid, na final da Taça Latina, o Sporting sucumbiu frente ao Barcelona. Também nesse ano despediram-se do futebol dois grandes jogadores, Francisco Ferreira e Fernando Peyroteo.

O meu primeiro clube de futebol foi o Palmelense Futebol Clube, aí começou a minha carreira. Até então, a minha vida tinha sido igual à de tantos outros rapazes. Como para qualquer miúdo com sete ou oito anos, o meu passatempo predilecto era dar pontapés numa bola. Porque era pequenino e franzino, embora rijo e cheio de genica a

esquivar-me entre a floresta de pernas que me tentavam desarmar, puseram-me a alcunha de *gajinho*, *rato atómico* ou *dez réis de gente*. Os apodos, as alusões à minha baixa estatura, perseguir-me-iam pela vida fora, pelos inconvenientes, pelas desvantagens. Para um homem com a minha força de vontade, a minha determinação, a minha teimosia e a minha combatividade, chamarem-me pequeno, todavia, apenas me moralizava ainda mais, me aumentava a vontade de triunfar. À medida que as exhibições me foram tornando conhecido, as referências à minha altura passaram a servir para me engrandecer as qualidades futebolísticas: «um pequeno-grande jogador»; «o “gigante” mais pequeno do futebol português»; «pequeno de corpo, grande de coração»; «bateu-se leoninamente e mostrou que os homens não se medem aos palmos»; «Octávio - tão pequenino! - jogou como gente grande»; «Octávio, um general pequenino»; «Octávio, o novo “duende” do futebol»; «de como um pigmeu consegue ser um gigante». Na verdade, nunca me inferiorizei por não ter crescido muito. Há quem tenha complexos por ser muito alto, há quem os tenha por ser baixo, eu, porém, nunca senti qualquer inibição. Para mim, futebol é jogar à bola e quem tem valor é quem joga melhor. Não sinto o mais ligeiro complexo por ser baixo. No campo nem me lembrava que era pequeno, lá dentro queria era jogar futebol. Penso até que, se fosse alto, não teria a mesma força de vontade, a mesma velocidade e o mesmo espírito combativo. O facto de ser assim miúdo dava-me estímulo, pois queria fazer sempre mais do que os outros.

Nas folgas escolares, aos fins-de-semana, nas férias grandes, certo e sabido, aproveitava para jogar à bola nos espaços enormes de Palmela. Na rua ou no recreio da escola primária de Palmela, eu e os meus companheiros, como o *Gorducho* Camolas, mais tarde jogador do Benfica, do Varzim, do Belenenses e do União de Tomar, disputávamos os invariáveis Sporting-Benfica, eu pelo clube das *águias* e

Camolas, sportinguista ferrenho, mau como as cobras (quando jogava e se zangava dava pancada nos outros), alinhava pelos *leões*. Com duas pedras, dois blusões ou duas árvores se fazia uma baliza, e quando não havia bola improvisava-se uma, com papelão ou alguns trapos. História comum a todos os rapazes, correr atrás de uma bola que aparecesse a jeito. O pior era quando regressava a casa, com os sapatos «castigados» pelos pontapés na bola, o que me valeu algumas tareias «paternas». A simplicidade e o espírito folgazão, no entanto, tornaram-me uma figura popular entre os companheiros de escola mas também entre os professores, já que o gosto de jogar não interferiu com os estudos e demais obrigações escolares. Aplicado, passava sempre. Daí que, com naturalidade, tenha atingido o ciclo preparatório do ensino técnico, tinha então dez anos. Deslocava-me diariamente de Palmela para Setúbal, no autocarro das sete da manhã, para apenas regressar a casa ao final da tarde. A paixão pela bola era tanta que chegava a perder o almoço na cantina só para poder jogar. Entretanto, continuava bom aluno, fiz os dois anos do ciclo «com uma perna às costas». Seguiu-se depois o ensino secundário, de formação profissional, curso de serralheiro, na Escola Industrial e Comercial de Setúbal.

Um dia, os professores inscreveram-me na equipa da escola que ia disputar um campeonato de futebol de salão entre os diversos estabelecimentos de ensino de Setúbal. Creio que foi aí que o meu destino de futebolista ficou traçado. E assim foi. Nesse torneio, despertei as atenções do Palmelense FC, de tal forma que pouco depois já estava a actuar nos juvenis da colectividade da terra, no Campo Cornélio Palma. O Palmelense contratou-me, a mim e a outros, como o Carlos Pereira, que viria a jogar no Benfica. Estávamos em 1963, tinha eu catorze anos. Quando pela primeira vez entrei num centro de medicina desportiva media 1 m e 35 cm e pesava 35,5 kg. Penso que devo muito daquilo que é a minha formação ao Palmelense. Era preciso

gostar muito de futebol para se praticar num clube com as carências e as condições do Palmelense, onde os treinos se faziam à noite e os banhos eram de água fria, quando o amadorismo e o amor ao clube ainda eram a essência do futebol. Em casa, as coisas também não foram fáceis. Gerou-se polémica no seio da minha família, o meu pai estava contra, não queria que eu jogasse, os estudos seriam prejudicados. No entanto, o bom desempenho escolar e uma conversa que os directores do Palmelense tiveram com Júlio Machado, o meu pai, para que me deixasse jogar, conseguiram convencê-lo e suavizaram as reprimendas. Percorri todos os escalões de formação, primeiro nos juvenis (dois anos), depois nos juniores (durante duas temporadas, tendo sido campeão distrital da II Divisão) e finalmente nos seniores, durante uma época, ainda com a idade de júnior, 17 anos. Jogava como médio, mas um médio muito especial, um médio goleador (cheguei a marcar 19 golos em 20 jogos nos juniores). No primeiro ano como júnior, fiz uma época em cheio, muito por obra e graça do Armando Serradura, o treinador do Palmelense e antigo guarda-redes do Vitória de Setúbal, um carola com muito jeito para a missão de treinador, a ele devo muito do que aprendi no futebol. É bom que se recorde e eu não sou ingrato. Mas a euforia seria de pouca dura. No segundo ano como júnior, estive qualquer coisa como cinco meses sem jogar, castigo paterno por ter perdido o ano lectivo, o quarto ano de formação de serralheiro. Fiquei terminantemente proibido de jogar à bola. Chorava que me matava, pois estava inscrito para jogar, ia assistir aos jogos mas não me equipava. Não que o meu pai não gostasse de futebol (na minha família havia, inclusivamente, um futebolista, o tio Ulisses, excelente defesa central), era até sócio do Benfica e levou-me muitas vezes ao estádio da Luz, principalmente nas competições europeias. Apanhávamos o eléctrico, depois o metro e passávamos pela azinhaga, um olival que era preciso passar para chegar ao estádio.

Entretanto, os dirigentes do Palmelense continuavam a assediar os meus pais. Nada os demovia, porém, do seu propósito de manter o castigo, que foi rigorosamente cumprido. A única possibilidade de voltar a jogar era impedir que o futebol roubasse um minuto que fosse aos meus estudos, ou seja, agarrar-me aos livros. E assim fiz. As notas começaram logo a aparecer mais altas e a meio do ano a dispensa dos exames afigurava-se muito provável. Talvez por isso, e novamente por insistência dos responsáveis do Palmelense, mais a mais em vésperas do jogo grande contra o Vitória de Setúbal (em juvenis e em juniores, o Palmelense sempre bateu o pé aos sadinos), fui autorizado a voltar aos relvados. Nesse segundo ano como júnior, fizemos uma óptima época. Na primeira fase, em seis jogos, averbámos cinco vitórias e um empate, marcámos 40 golos e consentimos apenas quatro. Na outra fase, em dez jogos alcançámos seis vitórias, cedemos dois empates e duas derrotas e marcámos 36 golos e sofremos apenas 16. Um campeonato sem dúvida notável, por todos elogiado: pelo esforço, pelo entusiasmo, pela garra, pela dedicação clubista. No último jogo, contra o Amora, o Palmelense venceu por uns categóricos 5-0, com dois golos meus. Sagrámo-nos campeões distritais de Setúbal da II Divisão, na categoria de juniores, e ascendemos, por isso, à I Divisão Distrital. Um feito que me valeu a promoção à primeira categoria, como sénior, e isso apesar de não ter 18 anos, a idade mínima para sénior. Ainda por cima com o honroso cargo de capitão da equipa, uma responsabilidade tremenda se tivermos em conta que eu era o mais jovem de todos, alguns já em fim de carreira. Nesse ano como sénior, a minha vida dividia-se entre Palmela e Lisboa. Terminado o 5.º ano da formação de serralheiro, havia que frequentar a secção preparatória para os institutos industriais, o objectivo era receber o diploma de engenheiro-agrícola. Afinal, um curso é sempre uma medida de prevenção útil para qualquer azar que possa surgir no futebol. Inscrevi-me

na Escola Industrial Marquês de Pombal, já que na escola de Almada os horários eram incompatíveis com os treinos. Logo no primeiro ano fui aluno do quadro de honra, o que era particularmente gratificante para quem abraçara o futebol semiprofissional.

Esse seria também o meu último ano como jogador do Palmelense, um ano que ficaria ainda marcado pelo postal que recebi do Otto Glória e do Fernando Cabrita, responsáveis do Benfica, convidando-me a ir aos treinos de captação do clube das *águias* (já antes tinha ido treinar, à experiência, com os juniores do Sporting). Faltei à escola e lá fui. É um momento que recordo com grande nostalgia. Eu, um adolescente de 17 anos, a entrar no balneário do estádio da Luz, para conhecer os grandes, o Yaúca, o Santana, o Eusébio, etc. Os dirigentes do Benfica observaram e gostaram do que viram, disseram-me que sim senhor, tinha qualidades como futebolista, mas que o clube da Luz já estava em negociações com dois outros jogadores, o Toni, da Académica, e o Praia, do Leixões. Se uma dessas contratações falhasse – o que não aconteceu – eu seria uma opção.

Pouco depois dos treinos no Benfica, fui pressionado para ir treinar ao Vitória de Setúbal, onde a minha fama de médio de ataque já havia chegado. Embora de início relutante, acabei por ir prestar provas ao Bonfim, um campo de futebol a sério. Quando a experiência terminou, o Fernando Vaz, então técnico dos setubalenses, perguntou-me: «Como te chamas, rapaz?» «Chamo-me Octávio», respondi. «Podes continuar», disse-me. Tinha sido admitido nos treinos. Era meio caminho andado, ter conseguido passar no exame de admissão ao Estádio do Bonfim. Continuei a treinar no Bonfim durante dois meses, sempre com o incentivo do Fernando Vaz, que me dizia para continuar, que tinha possibilidades de um dia jogar pelo clube. Em Palmela, pelo contrário, poucos acreditavam que o Vitória admitisse um jogador da terra, todos os que tinham saído da vila não

tinham conseguido singrar em Setúbal. Encheram-me a cabeça dessas ideias, ideias capazes de desanimar e de destruir o moral de qualquer indivíduo. Não foi assim comigo, já que isso apenas me serviu de estímulo para me aplicar ainda mais nos treinos. Até ao dia em que os dirigentes do Vitória foram falar com os directores do Palmelense, que exigiram uma verba elevadíssima, de imediato recusada pelo clube sadino. A desilusão foi tremenda. A verdade é que eu tinha assinado um contrato de semiprofissional com o Palmelense. Como não gostava de arranjar problemas, assinei e recebi 500 escudos. Só mais tarde, perante o interesse do Vitória, percebi que, ao ter assinado aquele documento, ficara «preso» ao clube, pois o Palmelense tinha o direito de opção sobre mim. Zanguei-me, imposições nunca, disse que não jogava mais, que não voltaria a vestir a camisola do Palmelense. Ainda me tentaram convencer, mas não cedi. Só voltaria a jogar se me facilitassem a saída no final da época. Os dirigentes viram-se obrigados a ceder, ou seja, firmou-se o compromisso verbal de que, em caso de interesse por parte de um outro clube, o Palmelense não levantaria quaisquer problemas. Não tardou muito para que tal viesse a acontecer, pois o Vitória voltou à carga. Fui jantar a Setúbal com o Francisco Nascimento e o Silvério Jones, dois dirigentes do Vitória, e ainda com o meu tio Vasco Machado, um vitoriano dos sete costados. Jantámos no restaurante «O Reno» e logo aí ficou acordada a minha ida para o clube de Setúbal. Faltava apenas informar os dirigentes do Palmelense, encetar negociações, que não seriam fáceis, pois o Palmelense voltava a exigir verbas que o Vitória não estava disposto a desembolsar. Como é óbvio, não gostei, subi as escadas que davam acesso ao gabinete dos directores, interrompi a reunião e disse ao presidente: «Não se esqueça do nosso compromisso. Comigo, palavra é palavra.» O Palmelense pedia 28 contos pela transferência, ao passo que o Vitória não ia além dos 27 contos e 500

escudos. Foi então que o Silvério Jones resolveu ultrapassar o impasse pondo da sua algibeira a diferença de dinheiro que estava em questão, os 500 escudos, o que na altura não era assim tão pouco. Quanto a mim, recebi 12 500 escudos, além dos vinte contos por época mais dois contos de ordenado mensal. Foi o primeiro dinheiro «a sério» que ganhei no futebol. Dinheiro que serviu também para pagar os meus estudos em Lisboa.

CAPÍTULO DOIS

VITÓRIA DE SETÚBAL (1968-69 a 1974-75)

Foi no Vitória de Setúbal que me fiz gente para o futebol. Onde comecei a despontar e a impor-me, a projectar-me no futebol português. Fundado em 20 de Novembro de 1910, o Vitória actuava na I Divisão e já tinha ganho duas Taças de Portugal, nas épocas de 1964-65 e 1966-67. Da equipa faziam parte grandes jogadores, como o Jacinto João, o José Maria, o Conceição, o Tomé, entre outros. Atirei-me ao trabalho com devoção, dei o máximo, queria agradar ao Fernando Vaz, o técnico, e conquistar o lugar de efectivo na equipa, o que não se conseguia do «pé para a mão». Mas havia também os estudos em Lisboa, na Escola Industrial Marquês do Pombal. Na escola entrava às oito da manhã, o que me obrigava a apanhar o autocarro das 6 h e 10 m para Cacilhas, depois o barco até ao Terreiro do Paço e, finalmente, o eléctrico para Belém, o «operário», que custava oito tostões, ida e volta. Das aulas saía às 14 h, para às 15 h e 30 m me apresentar nos treinos em Setúbal, que terminavam às 17 h e 30 m. Assim todos os dias. A este ritmo, alguma coisa haveria de se ressentir. Ressentiram-se os estudos. De aluno de quadro de honra passei a aluno do quadro de faltosos e chumbei no segundo ano.

Na primeira temporada no Vitória, em 1968, joguei na reserva, a segunda equipa dos sadinos, também conhecida por *laranjinha*, devido às famosas laranjas de Setúbal. A equipa de reservas era treinada directamente pelo Polido, já que o Fernando Vaz concentrava a sua atenção na equipa da primeira categoria. Dei nas vistas logo no primeiro ano, pois integrei a equipa que conquistou a Taça Ribeiro dos Reis, derrotando na final o Peniche por 1-0. A Taça Ribeiro dos Reis era uma competição para as equipas da II Divisão e para as reservas das equipas da I Divisão que se quisessem inscrever. Ribeiro dos Reis tinha sido um dos fundadores do jornal *A Bola*, um homem carismático que a Federação Portuguesa de Futebol resolvera homenagear dando o seu nome àquela Taça. Ainda nessa época, fui campeão distrital de reservas da Associação de Futebol de Setúbal. Chegado ao fim da primeira época em Setúbal, a Académica, sabendo da minha ainda recente qualidade de estudante, interessou-se por mim, através de um dirigente que era natural de Palmela. Na Académica, eu poderia mais facilmente prosseguir os estudos. Perante essa possibilidade, o Vitória apressou-se a melhorar as minhas condições contratuais, anulou o primeiro contrato e propôs-me um outro de trinta contos (mais dez do que o primeiro) e três mil escudos de ordenado mensal (mais mil do que no contrato anterior). Na época seguinte, a segunda na equipa de reservas, conquistámos novamente a Ribeiro dos Reis, vencendo na Tapadinha a Académica de Coimbra, comandada por jogadores de grande gabarito, como Crispim, um médio fabuloso, campeão da Europa de juniores.

Entretanto, entrou no Vitória, para substituir o Fernando Vaz, um homem que viria a marcar profundamente a minha vida e que se tornaria uma referência do futebol português: José Maria Pedroto. Depois da carreira como jogador, Pedroto tirou o curso de treinador e foi estagiar a França. Antes do Vitória de Setúbal, Pedroto treinou o Leixões, foi

depois Campeão Europeu como responsável pelos juniores, a que se seguiu uma breve passagem pelo FC Porto, onde esteve muito perto de ganhar o título nacional. Perto do fim do campeonato, as coisas complicaram-se. Quando Pedroto se preparava para o estágio, alguns jogadores recusaram-se a ir. Pinto Magalhães, na altura presidente do FC Porto, convencido de que ia ganhar tudo nesse ano, pôs-se do lado desses jogadores. Pedroto, disciplinador nato, saiu, não quis pactuar com aquela situação. O FC Porto, com dois pontos de avanço, acabou por deixar fugir o título nas duas últimas jornadas, perdendo o último jogo nas Antas. Ao futebol do Vitória de Setúbal, Pedroto imprimiu maior ambição, mais agressividade, tornou-o mais competitivo e mais organizado. Além disso, Pedroto começou a motivar a *laranjinha*, prometendo aos dois melhores jogadores dos jogos de reservas, disputados aos sábados, que seriam convocados para o jogo da equipa principal, que se realizava no domingo, no dia seguinte. O lema de Pedroto: «Máxima liberdade para a máxima responsabilidade.» Infatigável, comecei a ser um dos assíduos da equipa de seniores, jogava aos poucos, cinco, dez minutos. Nos últimos oito ou nove jogos do campeonato nacional passei a ser incluído, embora como suplente, na equipa principal. Pedroto puxava por mim, dava-me confiança. Eu correspondia com trabalho, nunca abdicando dos treinos. Ajudando o Vitória, ajudava-me a mim próprio. Até que a oportunidade surgiu. Agarrei-a com todas as minhas forças, o meu futuro de profissional disso dependia. A estreia deu-se num jogo contra o Benfica, para a Taça de Portugal, no Bonfim. Pedroto já me havia mentalizado, a qualquer momento podia ser chamado. A meio do jogo, Tomé lesionou-se e a ordem chegou: «entra, Octávio...» O jogo de estreia teve para mim um significado especial: pela primeira vez defrontei o «fora-de-série» Eusébio, o meu maior ídolo. Nessa tarde as coisas correram-me melhor a mim, Eusébio estava um pouco em baixo nessa altura e eu pude sair-me

bem (o Vitória ganhou por 3-2). Como entretanto Tomé recuperou, já só joguei dez minutos na 2.ª mão, contra os encarnados, no Estádio Nacional (o Vitória perdeu por 2-0 e foi eliminado). Na época seguinte, o Tomé foi contratado pelo Sporting e eu vislumbrei ali a oportunidade por que tanto ansiava. No entanto, não fui logo titular, primeiro foi o Barão, que vinha do Sporting, depois o Pedro, que mais tarde iria para o Belenenses. Nessa época, quando ainda não havia ascendido ao estatuto de titular, lembro-me de um outro jogo, com a CUF, que principiei na condição de suplente. Depois do intervalo entrei, estava o marcador ainda nos 0-0. Não podia ter corrido melhor, comigo em campo o resultado levou uma volta. Estive nos três golos que o Vitória marcou, tendo sido meus os últimos passes.

Mais uma vez, os estudos ressentiram-se. Depois do primeiro chumbo, tinha conseguido passar para o segundo ano, que, todavia, nunca terminei, porque ao ritmo cada vez mais intenso no Vitória se juntou, em 1970, o serviço militar. Acabei por desistir dos estudos, fiquei-me pelo curso técnico industrial, o que já não era mau em caso de emergência. Comecei a cumprir o serviço militar, ou seja, a recruta, em Vendas Novas. No início, tive alguns problemas, antes de mim tinham passado por lá outros dois jogadores, o Artur Jorge e o Quinito, que tinham deixado uma má imagem dos futebolistas, coisas como incumprimentos, baldas, por aí fora. Eu é que paguei a factura, ou seja, fui muito mal recebido. Nesse primeiro ano de tropa joguei ainda nas reservas, regressava a Palmela sexta-feira à noite, ia fazer o jogo ao sábado e no dia seguinte jogava cinco, dez minutos na equipa principal, para depois regressar a Vendas Novas no domingo à noite. O treino durante a semana, ao qual eu faltava, era compensado com o exercício físico da recruta. Depois veio a especialidade, em Leiria, no RAL 4 (Regimento de Artilharia Ligeira). Fui incorporado nos serviços auxiliares devido às fracturas que tinha contraído, enquanto jogador, nos dois braços. Perante a ameaça de mobilização para a

guerra colonial, apliquei-me a fundo, sabia que tinha de tirar boas notas em todas as actividades. E assim foi, consegui estar entre os primeiros classificados, escapei ao destino que todos temiam: a guerra. Entretanto, para poder acompanhar os treinos, movimentaram-se no Vitória alguns interesses para que eu fosse transferido para o Regimento DRM 11, situado em Setúbal, na Praça do Bocage. Acabaria por prestar serviço, não em Setúbal, mas no Estado-Maior do Exército, em Lisboa, perto de Santa Apolónia. Recebi a colocação quando estava em estágio, antes do jogo contra o Lausanne, para a Taça UEFA. Para meu infortúnio, o dia em que tinha de me apresentar no exército coincidia com o dia do jogo. Ora, eu não queria perder o jogo por nada deste mundo. Mas tinha também a consciência dos deveres e obrigações militares, que na altura não eram brincadeira. Fui por isso à Escola Prática de Administração Militar (EPAM), no Lumiar, onde deveria receber a guia de marcha para me apresentar no Estado-Maior do Exército. As horas passavam e a guia nunca mais chegava. Como o Estado-Maior fechava às 19 h, provavelmente já não chegaria a tempo. Combinei então com alguns colegas que, a ser assim, o melhor era apresentarmo-nos apenas na manhã seguinte. Arranquei para Setúbal, a tempo de ainda jogar parte do jogo, já que de início fiquei como suplente. No dia seguinte, quando fui ter com os meus colegas, disseram-me que eles já se tinham apresentado e que o major estava fulo comigo. Resultado, levei uma reprimenda, daquelas que me levaram a pensar que ali dentro nunca mais seria ninguém. Eis senão quando o major se vira para um furriel miliciano e diz: «Veja lá aí um lugar bom para este tipo. Não podemos cortar as pernas ao homem.» Foi assim que eu, primeiro-cabo miliciano, me vi colocado, como amanuense, no conselho administrativo do Estado-Maior do Exército, onde nunca mais tive problemas, cumprindo escrupulosamente as minhas responsabilidades. Mas também por isso perdi alguns jogos do Vitória, que gostaria de ter feito,

nomeadamente em África e no Brasil, neste último caso para disputar o Mundialito (que o Vitória ganhou). Tive pena, são viagens que não se fazem todos os dias.

Até que em 1970 surgiu a Selecção Nacional, fui convocado para a selecção de esperanças, treinada pelo José Augusto (a equipa principal era treinada pelo Pedroto, que acumulava com as funções de treinador do Setúbal). A minha estreia foi no estádio da Luz contra a Espanha, ao lado de jogadores como o Artur (mais conhecido por Ruço, que foi jogador do Sporting e do Benfica), o Bento, o Toni, o Quinito, o Alinho, o Leitão e o Carlos Serafim. Embora não tivesse jogado de início, estive em campo cerca de vinte minutos e fui um dos jogadores mais destacados pela comunicação social. Em 1971 passei a integrar a equipa sénior da Selecção Nacional, de que faziam parte jogadores como o Damas, o Simões, o Malta da Silva, o Torres (*o calmeirão*, que se tinha transferido do Benfica para o Vitória de Setúbal), o Peres, o Jaime Graça, o Humberto Coelho, o Nené, o Artur Jorge, o Rui Rodrigues, o José Mendes e, claro, o maior de todos, o Eusébio, que jogou lesionado. A estreia foi também no estádio da Luz, a 21 de Novembro, contra a Bélgica, um encontro decisivo, já que se tratava do último jogo da fase de apuramento para o Campeonato da Europa. Entrei na segunda parte, para substituir o Malta da Silva. O jogo terminou com um empate 1-1 (o golo de Portugal foi marcado pelo Peres). Atingi a maior honra que um jogador pode alcançar, que foi jogar na selecção principal do nosso país, não precisei de jogar num «grande» para chegar à selecção. É uma data de que jamais me esquecerei, alinhar ao lado de ídolos como o Eusébio, o Damas, o Jaime Graça, o Peres, o Simões, etc. Mas não me envaideço com isso. A vida de um futebolista é como os alcatruzes da nora, nem sempre se está na mó de cima. Sempre me precavi contra esse facto. Levava uma vida regrada, sem vícios de qualquer espécie. Cuidava intensamente da minha preparação. Sabia que só assim poderia alcançar no futebol

a compensação de ter abandonado os estudos quando um curso de engenheiro técnico me acenava ao longe. Continuei jogador da Selecção Nacional até 1978, estava eu já no FC Porto. De todos os jogos que disputei com a camisola da selecção, destaco o encontro disputado contra a Selecção de Goiás, na inauguração do estádio daquela cidade brasileira, o Estádio Serra Dourada. Como o primeiro golo que se marcou nesse campo foi meu, tive a honra de ver o meu nome inscrito na placa colocada à entrada do recinto, descrevendo o feito. Mas também destaco um jogo em Wembley, um Inglaterra-Portugal. A comunicação social inglesa aconselhou os espectadores a levarem uma caneta e um papel para apontarem o número de golos que a selecção inglesa iria marcar. A verdade é que empatámos 0-0, com uma grande exibição do Damas. No meio-campo estava eu, o Alves e o Teixeira, três jogadores de baixa estatura mas que souberam, com a sua mobilidade e com sua capacidade técnica, tirar a iniciativa de jogo aos ingleses. Faltou-nos apenas profundidade atacante para ganhar o jogo.

No campeonato nacional, o Vitória surgia ao mais alto nível, praticando um futebol de luxo. Foi a época de ouro da equipa, onde actuavam jogadores como o Vital, o Cardoso, o Conceição, o Alfredo, o Carriço, o Wagner, o Guerreiro, o Arcanjo, o José Maria, o Jacinto João, o José Mendes ou o Duda. Na temporada de 1971-72, o Vitória foi um sério candidato ao título, estivemos mesmo a um passo de conquistar o campeonato, durante 25 jogos seguidos não perdemos um único desafio. Exemplos: ganhámos ao Porto 2-0 no Bonfim. Empatámos com o Sporting em Alvalade e no Bonfim, que pela primeira vez esgotou a lotação do estádio com cerca de 30 mil adeptos. Ganhámos ao Farense 6-1: o passe para o terceiro golo foi meu, recebi o esférico sensivelmente a meio campo e, imparável, fui por ali abaixo, desembaracei-me de todos os adversários e endossei o couro ao Vítor Baptista, que também tinha

marcado os dois primeiros golos. O Vitória terminou o campeonato no 2.º posto, sagrando-se assim vice-campeão nacional. No final da época, a 2 de Junho de 1972, casei com Dina Maria Tavares Carrega e, no dia seguinte, estava a caminho de Angola, incorporado numa digressão do Vitória, do Belenenses, do FC Porto e do Sporting. Começámos por jogar na Beira, contra o FC Porto, partida que perdemos por 2-1, tendo eu sido expulso pelo árbitro da partida. Seguiu-se o jogo com o Sporting, em Luanda, que ganhámos. Como o Sporting vencera o FC Porto, tínhamos de ganhar ao Belenenses, para ficarmos em igualdade pontual e forçar uma finalíssima. Contra o Belém, lembro-me de ter jogado mal, alguns passes a meio-campo saíram-me mal. No banco, Pedroto irritou-se comigo, fez comentários que só os suplentes ouviram. O certo é que ganhámos o encontro por 2-1, o que prolongou a estadia em Angola por mais alguns dias, para disputar a finalíssima. Alguns companheiros fizeram chegar aos meus ouvidos os comentários do Pedroto. Fiquei triste e cabisbaixo, andava cismático. Notando que algo se passava comigo, o Pedroto perguntou-me o que se passava, se estava assim por eu ter casado há pouco tempo, por a minha mulher estar longe, sentir saudades. Disse que sim, que eram saudades da minha mulher. Não convencido, o Pedroto foi perguntar ao Matine, o meu colega de quarto, se ele sabia o que se estava a passar. O Matine disse a verdade, ao que o Pedroto respondeu: «Se eu sei quem foi o jogador que lhe contou o que eu disse no banco, esse jogador nunca mais joga no Vitória de Setúbal.» O Matine foi ter comigo e relatou-me a conversa com o treinador. Já no treino, equipados, o Pedroto disse-me: «Vai fazer banhos e massagens.» Não me deixou treinar. Assim fiz, tomei banho, vesti o fato de treino e regressei para junto dos colegas. Quando o Pedroto acabou o treino, mandou os jogadores para os balneários e chamou-me. Voltou a perguntar-me: «O que é que se passa?» Eu voltei a dizer que não se passava nada. «Olha uma coisa, se

eu sei quem te falou sobre o meu comentário, esse jogador nunca mais joga no Vitória de Setúbal. E tu, se achas que eu, com o comentário que fiz, fui ofensivo em relação a alguma coisa, se não acreditas em mim, só tens que fazer uma coisa, ires também embora. Tu conheces-me, sabes a maneira como vivo os jogos e sabes que a última coisa que eu faria era ter palavras que traduzissem alguma ofensa em relação a qualquer jogador.» Respondi-lhe: «Ninguém me disse, fui eu que ouvi...» Compreendi a mensagem de Pedroto, tudo ficou resolvido, e o Vitória ganhou a finalíssima ao FC Porto, nas grandes penalidades.

Foi também num jogo contra o FC Porto, no estádio das Antas, que presenciei uma das cenas que mais me marcaram: a morte de Pavão, uma das referências do clube «azul e branco». Numa disputa de bola a meio-campo, sem qualquer contacto físico, Pavão caiu inanimado para sempre. Foi algo, como se imagina, que marcou toda gente em campo, mas a mim em particular, já que foi num lance comigo que tudo aconteceu. Ao intervalo já se percebia que alguma coisa de muito grave se tinha passado. Mas só no fim do jogo é que os jogadores de uma e outra equipa receberam a notícia.

Na época de 1973-74, a equipa de Setúbal voltou a dar nas vistas. Na última jornada da 1.^a volta, na posição de líder do campeonato, o Vitória foi ganhar à Luz, onde o Benfica não perdia há 19 anos. A cinco minutos do fim, ganhávamos por 3-0, o que era um escândalo. O segundo golo foi meu, de fora da área. Primeiro há um cabeceamento do Duda à trave e no ressalto, fora da área, fiz aquilo a que se chama um golão, um golo de bandeira. Deu-se então o caso de o árbitro, o António Garrido, talvez entendendo que 3-0 era muito, ter influenciado o marcador. O primeiro golo do Benfica resultou de um *penalty* muito duvidoso e o segundo deu-se já no prolongamento do tempo de jogo, incompreensivelmente longo. Pela qualidade do seu plantel, pelo futebol que praticava, pela ambição que

demonstrava, mas acima de tudo pela unidade, pela disponibilidade, pela amizade que havia no nosso grupo de trabalho, o Vitória começou também a dar que falar nas competições europeias, deixando uma imagem de classe na Europa do futebol.

Durante o período em que joguei em Setúbal e com Pedroto a treinador, a equipa sadina passou a ser presença assídua nas taças europeias. Eliminou equipas da dimensão de uma Fiorentina e de um Inter de Milão. Lembro-me bem do jogo contra a Fiorentina. Em Setúbal tínhamos ganho por 1-0, pelo que o segundo jogo, em Itália, teria de ser encarado com muitas cautelas, afinal a vantagem era escassa. Antes da partida, um pormenor curioso. A data inicialmente prevista foi alterada a pedido dos italianos devido ao calendário do campeonato transalpino. Como contrapartida, os italianos pagaram a estadia no hotel aos jogadores e à equipa técnica do Vitória. A 15 minutos do fim do jogo, o Vitória perdia por 2-0 e estava, portanto, eliminado. Nunca baixando os braços, os jogadores portugueses agarraram a bola e mais ninguém jogou a não ser o Vitória de Setúbal. A tal ponto que o árbitro tudo fez para impedir o domínio absoluto do jogo do Vitória, assinalando faltas inexistentes, provocando paragens no jogo para quebrar o ritmo. Pedroto chegou até a entrar em campo para protestar com o árbitro, o que lhe valeria a expulsão. O certo é que o Vitória, através de Duda, marcou um grande golo e deu um banho de bola à Fiorentina. Perdemos por 2-1, mas como tínhamos marcado um golo fora passámos à eliminatória seguinte. Com o Inter de Milão, um episódio que me serviu de lição. Como eu era o capitão da equipa, os colegas começaram a pressionar-me para tentar saber qual seria o prémio de jogo. Fui então perguntar ao José Maria Pedroto se estava previsto algum prémio para os jogadores em caso de vitória. Resposta do Pedroto: «Estás quase a entrar em campo e estás a pensar no prémio de jogo?! Daqui a nada tiras o equipamento e não

jogas!» Um ensinamento que tirei para a vida, foi a primeira e a última vez. Um jogador não pode pensar em dinheiro nas vésperas dos jogos. Eu era um jovem.

No Bonfim, o Vitória ganhou por 2-0 ao Inter, onde pontificavam, entre outros, Fachetti e Mazzola, e em Milão, no estádio de São Siro, o jogo esteve para não se realizar devido ao intenso nevoeiro que se abateu sobre o estádio, de uma baliza não se via a outra. Mesmo assim, o jogo fez-se, saindo o Vitória derrotado por 1-0, com um golo de *penalty*, mas com a eliminatória assegurada. Numa Taça das Cidades (actual Taça UEFA), o Vitória chegou mesmo aos quartos-de-final, então o único sobrevivente português nas competições europeias, numa eliminatória contra o Leeds, em condições atmosféricas muito difíceis para os jogadores do Vitória. No dia do jogo, quando acordámos no hotel, depois da sesta, a cidade estava coberta de neve, o que gerou alguma ansiedade, já que nunca tínhamos jogado naquelas circunstâncias. E logo se colocou o problema dos *pitons*. José Maria Pedroto pediu a alguém que fosse às casas de desporto comprar todos os tipos de *pitons* aí existentes. Fomos mais cedo para o campo, equipámo-nos, cada jogador com um tipo diferente de *pitons*, para ver quais se adequavam melhor àquelas condições do relvado. Acontece que os *pitons* escolhidos eram irregulares. Para contornar os regulamentos, decidimos esconder no cacifo as botas com os *pitons* que não eram permitidos, deixando os outros à vista, para quando o árbitro fosse à cabine fazer as inspecções da praxe. Tudo impecável, disse o árbitro. Mal este saiu, calçámos as outras botas e fomos para o campo. Durante o jogo, um caso lamentável a registar. Um jogador inglês cuspiu no Câmpora que, não se contendo, perdendo a cabeça, deu um soco no adversário, mas um soco tal que de cada vez que o inglês bochechava cuspiu sangue e dentes (nada mais nada menos do que três dentes da frente). Expulsão imediata, claro, mas a nossa grande preocupação era que o árbitro descobrisse que estávamos a jogar com

pitons ilegais. Quanto a isso, tudo bem, menos o jogo, que perdemos por 2-1. Lembro-me que a minha exibição - fui considerado um verdadeiro «quebra-cabeças» para os ingleses - foi elogiada por todos, como por exemplo pelo Francisco Mata, do jornal *A Bola*: «Sob a neve, aquela formiguinha negra, sobre a alvura do campo, fazia os desenhos mais caprichosos e mais inesperados.» Em Setúbal empatámos 1-1, o que sentenciava a eliminação da Taça das Feiras. No final da partida, o técnico do Tottenham, Don Revie, destacou-me, considerando-me «um magnífico valor individual», e Jackie Charlton, *a girafa*, qualificou-me como um dos melhores jogadores do Vitória, pela minha excepcional exibição.

Lembro-me também de outros jogos marcantes. Contra a equipa soviética do Spartak de Moscovo, talvez a maior enchente do Estádio do Bonfim. O Vitória rubricou uma excelente actuação, venceu por 4-0, tendo eu marcado o primeiro golo. Contra o Anderlecht, em Bruxelas, também para a Taça das Cidades. E se a equipa belga venceu o encontro (2-1), fui cotado como o melhor jogador em campo, isto a avaliar pela reportagem do jornal *A Bola* (10-12-1970), assinada por Manuel Mota, onde encontro afirmações como estas: «Octávio, onde vai você buscar tantas energias?»; «Como é possível um corpo tão pequeno albergar tanta energia? Este rapazote imberbe, pesando pouco mais de 60 quilos - uma "peninha" em contraste com os "calmeirões" belgas! - não cedeu um palmo sem lutar»; «O jogador mais pequeno, "vedeta" de um conjunto equilibrado.»

Para mim, no entanto, o segredo do sucesso do Vitória passava pelo ambiente que se vivia no balneário. Na realidade, o balneário é fundamental. É no balneário que se perdem e se ganham os jogos. É naquele espaço, habitado pelos jogadores, que se vivem as alegrias, as tristezas, os problemas, é no balneário que se gere tudo isso. Claro que é mais fácil ganhar com bons jogadores, mas um conjunto de

bons jogadores não implica necessariamente uma boa equipa. Uma grande equipa é aquela que faz com que o colectivo seja superior ao somatório das suas individualidades. Um jogador tem de se subordinar aos interesses da equipa. O que conta é a actuação do conjunto, um jogador deve pensar no melhor resultado para a equipa e não no brilharete individual. De contrário, o que se verifica é a falta de amizade, a falta de respeito, a falta de rigor e de disciplina. Ora, no Vitória, além de ser uma equipa composta por grandes jogadores tecnicamente, havia paixão pelo jogo, gostávamos uns dos outros, éramos amigos e dentro do campo tudo isso vinha ao de cima. Em cima do somatório dessa qualidade individual nós acrescentávamos essa amizade, essa entrega, esse espírito. E um modelo de jogo que respeitava as características dos jogadores. Eis a grande arma do Vitória de Setúbal. As boas exibições, os grandes golos, as campanhas europeias, tudo era fruto do espírito de amizade que o Sr. Pedroto soubera inculcar entre os jogadores, e que se notava, por exemplo, quando nos intervalos dos jogos os suplentes iam buscar água, agarravam nas toalhas e as abanavam para refrescarem os companheiros de equipa. Havia um grande respeito, independentemente de todos lutarem por um lugar na equipa e todos quererem jogar. Um ambiente vivido com particular intensidade nos jogos no estrangeiro, principalmente nos países de Leste. Pouco habituados ao regime alimentar desses países, levávamos na bagagem um contingente de conservas, uma das riquezas da cidade de Setúbal, para partilharmos no hotel, já que das refeições locais pouco aproveitávamos. O próprio Pedroto, topando que os jogadores se levantavam das mesas pouco depois das refeições terem sido servidas e que seguiam directamente para os quartos levando consigo pão e garrafas de água, quis saber o que se passava. Resultado: pediu-nos umas latas de conserva. Pedroto não tinha problemas nos estágios em jogar dominó e cartas com os

jogadores. Coisas simples que uniam os jogadores e criavam a tal camaradagem tão necessária a qualquer grupo de trabalho.

Ainda na época de 1972-73, o Vitória foi à final da Taça de Portugal. Antes, tinha eliminado o FC Porto. Na primeira mão, nas Antas, verificara-se um empate 1-1, e depois, no Bonfim, venceu o jogo por 1-0. Feito tanto mais notável se tivermos em conta que entre as duas mãos o Setúbal foi a Lille disputar um torneio particular. O segundo jogo era contra o Anderlecht, onde então se estreava Resenbrink, um jogador que depois fez parte da selecção holandesa conhecida por *Laranja Mecânica*. Ao intervalo, a pensar na segunda mão para a Taça de Portugal contra o FC Porto, o Sr. Pedroto não fez alinhar metade da equipa, o que talvez explique a derrota por 4-0 contra o Anderlecht. De qualquer forma, ganhámos depois ao Porto e fomos à final da Taça de Portugal, com o Sporting. Um desafio que não disputei porque no último jogo do campeonato (também contra o Sporting, que ganhámos por 2-0, daquelas vitórias sem espinhas, o que garantiu o terceiro lugar do Vitória) tinha feito uma contractura muscular. O jogo da Taça de Portugal conheceu, como é normal nessas ocasiões, alguns incidentes. Aos cinco minutos de jogo, o Jota, do Vitória, saiu lesionado devido a duas entradas, «a matar», do Bastos, jogador do Sporting, que nesse encontro surgiu inesperadamente na posição de defesa direito. Os jogadores do Vitória ficaram revoltados, consideravam que o jogador do Sporting deveria ter sido expulso. O Sporting ganhou o jogo por 3-2 e, no final do jogo, já dentro do autocarro, dirigi-me ao árbitro de forma deselegante mas que exteriorizava o que me ia na alma, chamei-lhe «palhaço», o que me valeu três jogos de castigo, cumpridos na época seguinte.

Precisamente quando a equipa sadina se cotava como uma das melhores do campeonato nacional, em que quase todos os seus jogadores eram internacionais, começaram a

surgir os problemas. Ordenados em atraso, prémios de jogos por pagar, conflitos entre a direcção do clube e o treinador, José Maria Pedroto. Tudo terá começado quando a direcção do Vitória, liderada por Xavier de Lima, empresário do distrito de Setúbal, tentou impor um regulamento interno que não nos permitia sair de Setúbal ou dar entrevistas sem autorização prévia. José Maria Pedroto, a quem essas alterações não tinham sido comunicadas pessoalmente, discordou das medidas, entrou em guerra aberta contra a direcção, o que culminou no despedimento do treinador, numa altura em que o Vitória se encontrava, no final da primeira volta do campeonato, no primeiro lugar e, na Taça das Cidades, tinha atingido os quartos-de-final, além de que estava na véspera de um jogo importante com o Sporting, em Alvalade, o primeiro da 2.ª volta (jogo que o Vitória dominou, fazendo uma excelente exibição, com bolas à trave, mas que o Sporting acabaria por vencer por 2-1, com o golo decisivo assinado pelo Yazalde). Para evitar que a situação dentro do Vitória transpirasse para o exterior, a direcção proibiu as entrevistas dos jogadores à comunicação social. Perante tal imposição, não me contive, disse de imediato: «A mim ninguém me proíbe de falar. Quando eu sair do estádio, se houver um jornalista lá fora que me peça uma entrevista eu dou-a imediatamente. Há uma coisa que eu prezo que é a minha liberdade e dela não abdicó.» Dito e feito, assim que saí deparei-me com um jornalista do *Record*, que me pediu uma entrevista, logo ali concedida. Para os jogadores, a saída do Sr. Pedroto foi um choque tremendo e com pormenores caricatos pelo meio. Pedroto foi despedir-se de nós numa sala das instalações do clube e fechou a porta. O Xavier de Lima, o homem do dinheiro, o homem que mandava, não queria a porta fechada e mandou o Francisco Nascimento, um grande dirigente do Vitória de Setúbal, abrir a porta. Ao que Pedroto disse: «Ó senhor Francisco, deixe-me falar com os jogadores a sós. Não me abra a porta, por favor.» Criou-se ali um impasse. O

Xavier de Lima mandou uma vez mais abrir a porta. O Sr. Pedroto disse-nos então: «Já vi que aqui não consigo falar convosco à vontade. Portanto, eu vou para baixo da bancada e quem quiser vir comigo, pois venha. Não levarei a mal quem assim não proceder.» Acto contínuo, fomos todos atrás do Sr. Pedroto. O Xavier de Lima ainda tentou impedir, dizendo alto e bom som: «Mas o que é isto?! Então eu é que pago aos homens e ele é que manda?! Isto não pode ser!» Um episódio bem revelador da amizade e do respeito que os jogadores nutriam pelo Pedroto, um homem de lutas, um homem que lutou sempre pelo interesse e bem-estar dos jogadores, um homem generoso e franco, de uma só cara, vertical. Passados dois dias, o José Augusto, ex-treinador da Selecção Nacional de seniores, foi apresentado como novo treinador do Vitória. Nessa mesma semana, o dinheiro que dias antes não havia para pagar ordenados e prémios de jogo logo apareceu, ficando assim no ar a suspeita de que tudo não teria passado de uma manobra para afastar Pedroto da equipa. Este caso representa também, para mim, a asfixiante mediocridade de certos dirigentes que, ávidos de protagonismo, começaram a exercer uma péssima influência no futebol, pessoas que entraram no futebol apenas com o intuito de se promoverem a nível pessoal e para darem mais expressão aos seus negócios. José Maria Pedroto, aliás, definia esse tipo de dirigente desportivo como «alguém que fala automovelmente bem e tem uma inteligência de carteira». Ou seja, pessoas que conduzem grandes automóveis e em que tudo na vida se resume ao dinheiro que puxam da carteira. Agora é diferente. Continuam a falar automovelmente bem, mas é com os carros topo de gama que as SAD lhes dão. Antigamente era com o dinheiro deles. Agora é com os cartões dourados. Continuam a ter inteligência de carteira mas não é da carteira deles. São os cartões dourados que as SAD lhes metem na algibeira.